

OLHARES SOBRE A VELHICE EM ESCRITOS POÉTICOS CONTEMPORÂNEOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, CECÍLIA MEIRELES E MÁRIO QUINTANA

PERSPECTIVES ON AGE RELATED IN DRUMMOND'S, MEIRELES AND QUINTANA'S WRITING POETICAL CONTEMPORARY

Mara Falcão Palhares Barbosa*

RESUMO

O artigo analisa como se inscrevem representações da velhice em alguns escritos poéticos contemporâneos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Mário Quintana sobre essa fase da vida. O poético é investigado como um gênero que possibilita outras compreensões da realidade abordada, por construir uma ideia abarcada pelos acontecimentos de fato e pelos verossímeis – criados pela imaginação. Os poetas – valem-se da palavra como representação de mundos, desnudando o cotidiano e seu principal ator: o ser humano. Com eles, somos convidados a descortinar o inextricável universo da velhice, objetivando uma reflexão provocativa, sustentada por conceitos de Jodelet (2001), Beauvoir (1976), Bobbio (1997), Bosi, E. (2004), Bosi, A. (2010).

Palavras-chave: Escritos poéticos. Velhice. Representações.

ABSTRACT

Through a foray into some contemporary literary writings - Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles and Mario Quintana - about old age, the paper presents an analysis of how to enroll in these texts, representations of this phase of life. In line with the thought of Aristotle the literary work is investigated as one that allows us a more comprehensive understanding of reality addressed as it builds an idea embraced by the fact that events and the credible - created by the imagination. Poets - worth up to step into his compositions with art and poetry to the world, baring daily life and his main actor: the human being. So with them, we are invited to unveil this inextricable age of the universe. . Aiming also to raise a productive and provocative reflection about this, I turn to thinkers such as Jodelet (2001), Bachelard (1978), Beauvoir (1976), Bobbio (1997), Bosi, E. (2004), Bosi, A. (2010) argue discussions.

Keywords: Poetic writings. Agerelated. Representations.

* Professora Dra. Curso de Letras e Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade- UNIVILLE; Coordenadora do Comitê PROLER- Joinville e Líder do Grupo de Pesquisa Imbricamentos de Linguagens. E-mail: moraes.taiza@gmail.com

1. Representações poéticas da velhice

Então vem o poeta e divisa na massa amorfa que passa pela rua uma figura humana, mulher, homem, velho, jovem, criança; em um relance, o que era sombra errante vira gente. O que era opaco transparece varado pela luz da percepção amorosa ou perplexa, mas sempre atenta. Aquele vulto que parecia vazio de sentido começa a ter voz, até mais de uma voz, vozes. Irrompe o fenômeno da expressão. Quem tem ouvidos ouça! (Alfredo Bosi, 2010, p. 260)

De acordo com Jodelet, as representações sociais são constituídas a partir de experiências do cotidiano, formuladas por um senso comum. “Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (2001, p. 17). São fortemente conduzidas, propagadas pela mídia e pelas redes de comunicação informais atuais (televisão e internet, principalmente). Meios que, por sua vez, dado o alcance e aceitação na contemporaneidade, impactam fortemente nas construções de visões de mundo circulantes. No entanto, é preciso levar em consideração que os olhares dirigidos pelas redes de comunicação causam uma incerteza ante aos avanços da ciência veiculados em publicações especializadas e repassadas nos veículos mediáticos como as notícias que favorecerão os julgamentos sociais nas relações inter-raciais, entre grupos de ideologias diferentes, religiões, relações étnicas, devido às intrincadas relações sociais que hierarquizam a propagação das informações e do conhecimento produzido.

Considerando que as obras poéticas rearticulam pela palavra as representações sociais, recorro a elas como um instrumento para investigar a velhice, pois os ecos do pensamento de Aristóteles audíveis na contemporaneidade nos permitem perceber que a realidade engloba ideias apreendidas pelos acontecimentos e pelos verossímeis criados pela imaginação. O poético nos permite uma visão além da primeira. Do que está posto. Propicia-nos uma viagem desbravadora. Possibilita-nos entender as simplicidades do cotidiano idoso e seus mistérios.

Reforço à importância da obra poética na investigação de mundo, “[...] os versos não são sentimentos,

são experiências. Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas[...]” (BLANCHOT, 1987, p. 85). Além disso, como infere Alfredo Bosi, “O poeta é o primeiro a dar, pela própria composição do seu texto, um significado histórico às suas representações e expressões” (2010, p. 142).

As representações que são atribuídas aos idosos, demarcadas pelas diferenças de épocas e de sociedades, podem revelar conflitos vividos pelo indivíduo quando este se depara com o próprio envelhecimento, juntamente com o peso das discriminações que tem de suportar. Mostram, também, aquele que, em se reconhecendo velho, aceita as próprias limitações e consegue fazer a travessia dessa fase com serenidade, usufruindo daquilo que a vida ainda pode reservar-lhe de bom.

No poético, o tema é circulante, tanto nos clássicos da Antiguidade, quanto nos textos contemporâneos. Os poetas captam a realidade e reinventam-na liricamente, versando sobre a velhice de maneiras várias. Por meio desses escritos, podemos conceber imagens da velhice, fixadas pela palavra, em versos de Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles.

2. Olhares sobre a velhice

A percepção dos múltiplos significados do termo velhice, dos estereótipos negativos relativos às visões dessa etapa da vida, associados às doenças, fraquezas e fragilidades nos estimulam para a percepção de variantes, a partir da discussão do mito da “eterna juventude”, fortemente veiculado pelas mídias que retratam os velhos como excluídos socialmente (SCORTEGAGNA, 2001).

Para Guite I. Zimerman - coordenadora de equipes multidisciplinares de atendimento a velhos e familiares no Rio Grande do Sul -, a imagem que cada um de nós tem de velho foi construída a partir daquilo que observamos, vivemos e recebemos de nosso meio familiar e da sociedade. Acrescenta, ainda, que não considera de forma alguma o termo “velho” depreciativo. “Pelo contrário, depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido” (ZIMERMAN, p.X), conclui ela. E assim ela conceitua o velho:

Velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, de sua parte psicológica e de sua ligação com sua sociedade. É a mesma pessoa que sempre foi. Se foi um batalhador, vai continuar batalhando; se foi uma pessoa alegre, vai continuar alegrando; se foi uma pessoa insatisfeita, vai continuar insatisfeita; se foi ranzinza, vai continuar ranzinza (ZIMERMAN, 2000, p. 19).

Tomando como base essa conceituação de Zimerman, esses estereótipos negativos da velhice devem ser repelidos, uma vez que o velho é uma continuidade, ou seja, ele apenas entrou em uma outra fase. Dessa forma, também ao jovem, ao adulto, podem ser atribuídas marcas negativas. Ou melhor, também ao velho podem ser atribuídas marcas positivas.

Simone de Beauvoir, em seu livro “A Velhice” (1976), aponta uma lista de pensadores que refletiram sobre a velhice; dentre eles, Platão e Aristóteles, concebendo-a sob pontos de vista opostos.

Na concepção platônica, o corpo é somente aparência, não importando, pois, sua degradação, uma vez que a verdade do homem - possuída apenas depois de alcançada a maturidade, após os 50 anos - encontra-se na alma imortal; o que realmente tem valor são as ideias. Nesse sentido, chegar à velhice é um ganho que traz vantagens sobre os jovens, devendo estes obedecer aos comandos dos mais velhos.

Já no pensamento aristotélico, corpo e alma estão intimamente ligados; o homem existe pela união de ambos. Assim sendo, qualquer mal que atinja o corpo afetará todo o indivíduo. Por isso, quando o físico adocece, ou melhor, quando vem a velhice, o homem entra em declínio. Fato este iniciado a partir dos 50 anos. Pela lógica aristotélica “[...] a experiência constitui um fator de involução e não de progresso” (BEAUVOIR, 1976, p. 124).

A velhice tem sido associada constantemente à decrepitude, à decadência. Se isso sugere declínio - tal como na visão de Aristóteles -, junto com este, viria o fim. A morte. De acordo com Beauvoir (1976, p. 57), “Muitas sociedades respeitam as pessoas de idade enquanto estas se mantêm lúcidas e robustas, desembaraçando-se delas quando se tornam decrépitas e caducas”. Assistimos, muitas vezes, a esse desenlace sem nada fazermos. Participamos dele. Esquecemos do quão importante, foram esses velhos em nossas vidas, do quanto contribuíram e se empenharam à nossa formação como pessoas. Por certo, não nos

lembramos do amor incondicional a nós dedicado. É preciso, pois, que levemos isso em consideração. Hoje, são eles que dependem de nosso olhar compreensivo, tolerante e, principalmente, amoroso. Busquemos, então, como as representações poéticas de Drummond, Cecília Meireles e Mário Quintana fixaram em versos imagens da velhice.

3. A velhice em versos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Mario Quintana

Na poesia, circulam imagens que o velho tem recebido ao longo das civilizações. Poetas contemporâneos como Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles exploram insistentemente o tema.

A solidão e o silêncio apresentam-se como companheiros constantes nessa fase. Ideia que vem ratificada no poema “Envelhecer”, no qual Quintana entrega-nos um extrato da velhice:

[...] Antes todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas (2005, p. 115)

Os caminhos assinalados neste poema são metáforas da existência, da passagem do tempo, ou melhor, da juventude e da velhice. A juventude sempre indo, buscando, desbravando. Na contramão, a velhice. Vendo todos passarem, mas não tem forças para seguir em frente. Resta-lhe o desvio – inevitável – que a levará ao isolamento e, depois, à morte. Tem-se, todavia, nesse texto, um eu lírico conformado, resignado, que passa com serenidade por essa fase. No entanto, a expressão “[...] os livros poucos” marca rótulos que ao idoso são impressos: a pouca visão e a morosidade. Pode-se inferir ainda, no último verso, a solidão desse sujeito lírico que, não tendo companhia, visitas, ‘alimenta’ seus fantasmas, ou seja, as lembranças de um tempo que ficou distante. Em contrapartida, é ressaltado o aconchego, o acolhimento da casa.

As palavras de Gaston Bachelard reforçam essa ideia: “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é [...] nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (1978, p. 200). Assim, é pertinente trazer à reflexão mais considerações desse filósofo sobre a importância

da casa para o ser humano, uma vez que o sujeito aqui tratado – o velho – passa a maior parte de seus dias dentro da casa: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma.” (p. 201).

Entretanto, num outro poema de Quintana – “Do mal da velhice” –, já no título, a velhice é estampada como uma doença. Nesses versos, o eu lírico – um velho – é alguém que rejeita a velhice, tem dificuldade em aceitá-la. Ainda assim, agarra-se à vida, pois sabe que essa fase – a última – representa proximidade com a morte do corpo:

[...] Chega a velhice um dia...E a gente ainda pensa
Que vive...E adora ainda mais a vida!
Como o enfermo que em vez de dar combate à
doença
Busca torná-la ainda mais comprida... (QUINTANA,
2007, p. 52)

Quintana, em seus versos, diferencia o conceito de velhice, uma “abstração” das vivências deste estágio da vida, que deixam de ter a significação de resto, mas assumem a dimensão de totalidade, ou seja, metonimicamente, a velhice, a última etapa da vida, é ressignificada como “vida”.

Beauvoir endossa a postura desse velho representado: “Chegada a hora, e mesmo quando dela nos vamos aproximando, em geral preferimos a velhice à morte” (1976, p. 9). Uma celebração à vida, por um eu lírico já na última fase da existência, vê-se em “Inscrição para uma lareira”:

[...] A vida é um incêndio: nela dançamos, salamandras mágicas
Que importa restarem cinzas se a chama foi bela e alta?
Em meios aos toros que desabam, cantemos a canção das chamas!
Cantemos a canção da vida, na própria luz consumida...
(QUINTANA, 2005, p. 101)

Nessas linhas, o eu lírico propõe celebrar a vida, mesmo que esta já esteja no fim, sendo que bons e belos momentos foram vividos. Nesse contexto, a velhice não deve ser vista como uma fase triste ou ruim.

Todavia, a velhice, inexoravelmente, aponta uma proximidade – maior que as outras fases da vida

– com a morte física. E, apesar de ser esta uma das poucas certezas que o ser humano tem na atualidade, constitui-se numa verdade por demais pesada a nós. Com isso, tentamos não pensar nela, fugir dela. O tempo, de forma implacável, leva-nos para perto dela. É o nosso algoz. Os versos de Quintana ecoam essa realidade: “Esse tic-tac dos relógios/ é a máquina de costura do tempo a fabricar mortalhas” (Revista Bula).

A concepção de que velhice e morte estejam associadas é fortemente reforçada em “Cadeira de Balanço”. Nesses versos, Quintana narra o dia a dia solitário das avozinhas – marcado pela ociosidade e pelo descompromisso, uma vez que seu único ‘dever’ é a “hora da sesta” (2003; p. 70, 71). A falta de perspectiva e a existência sem sentido para elas levam-nas a sonharem “o sonho vão do mundo”. No entanto, “elas se acordam” e “[...] um susto do mundo/ que está deste lado”. Um mundo solitário que se restringe a uma velha cadeira de balanço – “que a morte as embala” – em uma também solitária sala e a um relógio que “marca a nenhuma hora”:

[...] Os pensamentos delas
já não têm sentido.

A morte as embala,
as avozinhas dormem
na deserta sala
onde o relógio marca
a nenhuma hora

enquanto suas almas
vêm sonhar no tempo
o sonho vão do mundo...
e depois se acordam
na sala de sempre

na velha cadeira
em que a morte as embala...
(QUINTANA, 2000; p. 70, 71)

A velhice, frequentemente, rouba do velho os instantes de afeto e de partilha social. A solidão transporta-o ao mundo dos fantasmas do passado. À infância, à casa dos pais, aos namoros e aventuras da juventude, à antiga morada, ao seu trabalho, às pessoas que já se foram.... Sua memória: sua companheira, sua nau. Pois, como sinaliza Bobbio,

O tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do ve-

lho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção (1997; p. 53).

Entretanto, de acordo com Bakker Filho (2000), pela irreversibilidade do tempo, os fatos não podem ser revividos, apenas revisitados pela memória – onde estão registrados – causando, então, ansiedade.

Refugiado nesse tempo longínquo, o velho, vez ou outra, volta à realidade como sinaliza a sua representação no poema “Cadeira de Balanço”, de Quintana. Sobram-lhe um ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘já tomou seu remédio’? Economia de palavras. Economia de amor. As manhãs surgem-lhe preguiçosas, sombrias, sem o viço de outrora, sem a luz da esperança; as tardes correm-lhe melancólicas, solitárias; as noites (ah, as noites!), intermináveis! Seguem ao lento compasso do velho relógio; noites frias, impiedosas, mensageiras dos medos. Não somente a solidão é companheira da velhice. Somada àquela, vem a degradação física que, de acordo com Beauvoir (1976), nos seres humanos é a mais visível entre todos os animais.

As transformações e as limitações do corpo enfrentadas na fase da velhice são fixadas metaforicamente, com uma dose de humor, por Drummond nos versos a seguir, de “O amor bate na aorta”:

Entre uvas meio verdes,
meu amor, não te atormentes.
Certos ácidos adoçam
a boca murcha dos velhos
e quando os dentes não mordem
e quando os braços não prendem
o amor faz uma cócega
o amor desenha uma curva
propõe uma geometria (ANDRADE, 2004, p. 144)

Metamorfose rejeitada pela sociedade da estética e do culto ao corpo. Sendo assim, representações estereotipadas são formuladas e amplamente divulgadas. A velhice opõe-se ao que a atualidade concebe como belo; logo, é não só rejeitada como temida. Segundo o psicanalista Flávio Gikovate (2013), nesta sociedade contemporânea, parece vigorar a lei: não só é feio envelhecer como também é proibido. Diante disso, as pessoas tentam escapar daquilo que lhes é inerente: o envelhecimento.

Drummond propõe uma desconstrução sinestésica no poema “O amor bate na aorta”, demonstrando que quimicamente ocorrem transformações corporais na velhice, mas o corpo reage e cria novas possibilidades de sentir “[...] e quando os braços não prendem/ o amor faz uma cócega/ o amor desenha uma curva/” [...]

Também a poesia se apropriou dessas imagens e tem-nas refletidas em seus textos. Cecília Meireles, em “Retrato”, evoca a figura de um eu lírico que, de repente, vê-se velho. E, melancolicamente, mas com serenidade, reflete sobre a própria imagem projetada no espelho:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face? (MEIRELES, 1996, p. 26)

Drummond, em “Versos à boca da noite”, faz a mesma constatação do ‘peso’ dos anos sobre nós. A percepção das transformações físicas e mais o medo de que é tomado o eu lírico por aquilo que ainda está por vir estão nos versos a seguir:

Sinto que o tempo sobra mim abate
Sua mão pesada. Rugas, dentes, calva
Uma aceitação maior que tudo,
E o medo de novas descobertas. (ANDRADE, 2004, p.30)

A solidão a que o indivíduo está fadado, bem como a falta de sentido da existência e a fugacidade do tempo, sinalizando a efemeridade da vida – marcas constantes na obra de Cecília Meireles – ressoam nos versos deste texto poético. O tom nostálgico nele imprimido é percebido nas comparações feitas entre o antes e o agora.

Em nossa sociedade contemporânea, o que, sobretudo, invariavelmente, aparece ligada à velhice é a ideia de morte. E a ideia de doença, da mesma forma, como se fosse algo inerente a esta etapa da vida. Ideias que encontram reforço no fato de, como

aponta Bakker Filho, nessa última fase da existência, o organismo humano encontrar-se mais fragilizado e suscetível a enfermidades. Para o autor:

A velhice em si não é doença, mas quando se instala já não se responde mais com a mesma presteza diante das adversidades como se fazia na juventude. Com o passar dos anos, o mal se cronifica, consumindo todas as disponibilidades de defesa, sinalizando que a morte pode vir (2000, p. 26).

No poema, a seguir, “Da experiência”, a representação que se tem do velho é a de um doente em fase terminal. Quintana estabelece uma ponte entre o moribundo e o médico experiente. De nada adianta todo conhecimento ante o que é irreversível. Pode ser feita uma analogia com o tratamento que a sociedade contemporânea ocidental tem dado ao idoso.

A experiência de nada serve à gente
É um médico tardio, distraído:
Põe-se a forjar receitas quando o doente
Já está perdido...(2007, p. 5)

Vítima de um mundo capitalista, em que os valores são reduzidos à serventia, o ser humano vira moeda de troca, vira mercadoria. No entanto, o velho, tendo suas capacidades reduzidas, perde a utilidade. Pois, de acordo com Ecléa Bosi “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização”(2004; p.78). Nessa perspectiva, o velho tem sido tratado como algo descartável, que não é valorizado na nossa sociedade. Não importa tudo quanto ele tenha realizado, construído ao longo de sua vida. De seu posto, é destituído. Sem poder escolher, é afastado de sua casa, de sua morada. Muitas vezes, ‘depositado’ em uma instituição – é a lei dos novos tempos, época em que ninguém tem tempo para o outro. Já não é mais senhor da própria vida. Os filhos decidem por ele. Tiram-lhe a autonomia e negam-lhe a liberdade. Passam a tratá-lo como criança. Contudo, sem o cuidado, a tolerância e o amor a esta despendidos. A carência e a nostalgia que tomam conta desse velho solitário estão expressas nos seguintes versos de Quintana:

Estrada afora após segui... Mas, ai, / Embora idade e senso eu aparente, / Não vos iluda o velho que aqui vai:/ Eu quero os meus brinquedos novamente! / Sou um pobre menino... acreditai.../ Que envelheceu, um dia, de repente... (2005; p.25).

Novamente, a velhice ligada a elementos negativos: dependência, solidão e carência, as palavras denotam o olhar obtuso sobre o velho, a não percepção que a vida se alimenta de sonhos e que eles estão presentes como forças propulsoras nas etapas iniciais e na etapa final.

No fragmento, a seguir, do poema “Os velhos” de Carlos Drummond de Andrade, mais uma vez as representações que selam o velho são negativas: doença, solidão e vítima de descaso, falta de visibilidade e de atenção.

Em “Os ombros suportam o mundo”, a solidão, volta a ser companheira da velhice. O eu lírico – alguém que já muito viveu – está cansado. É uma pessoa que não tem mais ilusões na vida. Sabe que esse tempo de realizações, de sonhos e de emoções ficou para trás, já passou. Ao compasso do relógio. Agora, resta-lhe a velhice e o que dela advém:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança
[...] (ANDRADE, 2004, p. 137)

A velhice, em muitas representações, tem a ‘cara’ da morte. Logo, se esta finitude faz parte da vida, deve ser concebida e encarada como um processo natural. Cecília Meireles, em “Cântico VI”, nos diz que não devemos temer a morte, pois ela nos chega todos os dias. Dessa forma, o ‘perder’ torna-se corriqueiro, algo com que devemos nos conformar. No entanto, da mesma forma, ganhamos todos os dias. Pois a vida se constitui num processo de viver e morrer, cíclico; e, assim, renovamo-nos:

Tu Tens um Medo
Acabar.

Não vês que acabas todo o dia.
 Que morres no amor.
 Na tristeza.
 Na dúvida.
 No desejo.
 Que te renovas todo dia.
 No amor.
 Na tristeza
 Na dúvida.
 No desejo.
 Que és sempre outro.
 Que és sempre o mesmo.
 Que morrerás por idades imensas.
 Até não teres medo de morrer.
 E então serás eterno (1982; p.19)

Consoante a esse medo da morte, o filósofo francês Luc Ferry (2010) define-o como medo de perder, deixar de ter algo ou alguém. Medo de perder o emprego, medo de que um relacionamento amoroso se acabe. Medo de perder um filho. Medo de ser roubado, assaltado. Medo do amanhã. É um sentimento advindo da incerteza. E, de acordo com este autor, sentimento muito comum na contemporaneidade.

Drummond, no poema “Os últimos dias”, apresenta um eu lírico velho que aceita a morte; todavia, espera que ela não venha agora: “Que a terra há de comer. / Mas não coma já”. Que haja tempo, ainda, de sentir:

Sinta frio, calor, cansaço:
 pare um momento; continue.
 Descubra em seu movimento
 forças não sabidas, contatos.
 O prazer de estender-se;
 o de enrolar-se, ficar inerte.
 Prazer de balanço, prazer de voo
 (ANDRADE, 2004; p. 35 a 39).

Mais adiante, neste mesmo poema, declara o receio da vinda daquela:

E que a hora esperada não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo. Bem sei, um elemento de dor rói sua base. Será rígida, sinistra, deserta, mas não a quero negando as outras horas nem as palavras ditas antes com voz firme, os pensamentos maduramente pensados, os atos que atrás de si deixaram situações. Que riso sem boca não a aterrorize e a sombra da cama calcária não a encha de súplicas, dedos torcidos, lívido suor de remorso¹.

Essa preocupação do eu lírico quanto ao sofrimento na hora da morte encontra justificativa na seguinte fala de Elias: “Nem mesmo hoje a arte da medicina avançou o suficiente para assegurar a todos uma morte sem dor. Mas avançou o suficiente para permitir um fim mais pacífico para muitas pessoas que outrora teriam morrido em terrível agonia” (2001, p. 20 e 21).

E a morte continua a ser evidenciada em poemas. Na trova abaixo, Quintana aflora a figura de um eu lírico que tem consciência da morte. Apesar disso, não lamenta e nem fica pensando nela, pois considera que o importante é a vida. Assim, o que lamenta é deixar de viver:

Um dia ... pronto!
 Me acabo.
 Pois seja o que tem de ser.
 Morrer: Que me importa?
 O diabo é deixar de viver (2007, p. 61).

Em “Canção de Outono”, morte e velhice, mais uma vez, aparecem lado a lado. Neste poema, a estação do outono é inscrita como uma metáfora da velhice. Quintana, traz novamente a imagem de um eu lírico envolto em solidão, nostalgia e mesmice, um eu lírico que receia a hora da morte, pois sabe que ela representa o fim.

O outono toca realejo
 No pátio da minha vida.
 Velha canção, sempre a mesma,
 Sob a vidraça descida...
 Tristeza? Encanto? Desejo?
 Como é possível sabê-lo?
 Um gozo incerto e dorido
 De carícia a contrapelo...
 Partir, ó alma, que dizes?
 Colher as horas, em suma...
 Mas os caminhos do Outono
 Vão dar em parte nenhuma! (2007, p.151)

Quintana registra em seus versos a cadência da vida, a dor do enfrentamento do tempo e de suas oscilações rítmicas, bem como sua implacável força que imprime marcas: no rosto, no corpo, na alma. Entretanto, apesar das quedas, como declara Cecília Meireles, no fragmento a seguir de *Tempo Viajado*, é possível recompor-se e seguir cantando:

¹ Ibidem p. 35 a 39

Dos meus retratos rasgados
me levanto.
E acho-me toda em pedaços,
e assim mesmo vou cantando (1996, p.48)

Assim como nos versos acima de Cecília Meireles, Drummond, no poema “Consolo na Praia”, apresenta-nos um eu lírico que, a despeito de todas as desilusões e sofrimentos com as perdas vindas com o passar do tempo, ainda consegue resignar-se, conformar-se. Pois “a vida não se perdeu”. Eis o consolo: tudo passou, “Mas o coração continua“. Isso pode ser conferido nos fragmentos a seguir:

Vamos, não chores...
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.(ANDRADE, 2004, p.26)

Considerações

Como exposto, muitas são as representações sobre a velhice encontradas na literatura. Ora positivas, ora negativas. Logo, esses olhares nos levam a concebê-la como uma etapa da existência em que não existem ou quase não existem ganhos. Dessa forma, teme-se passar por ela. No entanto, ela será o destino de todos que viverem, ou melhor, de todos aqueles que chegarem lá. Basta sabermos de que maneira iremos atravessá-la. A vida é muito curta para que a desperdicemos. Cada instante de nossa existência é irrecuperável, irresgatável.

As vozes poéticas recortadas – de Drummond, Cecília Meireles e Quintana – reafirmam a gradação contínua entre vida e morte, que inevitavelmente se acelera na velhice. Como alude Quintana, envelhecer é continuar sendo “o mesmo menino teimoso de sempre”, sem jamais deixar de sonhar.

Os poemas que foram aqui selecionados, ao abordarem a velhice, reescrevem as fases da existência humana não como fragmentos isolados, mas sim como etapas de transformação do corpo e das percepções de mundo. Cecília Meireles, em “Tempo Viajado”, projeta um “eu” diante de uma vida fragmentada mas possível: /E acho-me toda em pedaços,/

e assim mesmo vou cantando//. As representações da velhice são (re)criadas poeticamente de um modo sinestésico, mesclando sentidos, suscitando outros, pois viver é reagir às pulsões do corpo e tais pulsões não estão adstritas a determinados momentos, pois quando há pulsão vital os sentidos se manifestam. Para Drummond, em “Canção de Outono”, expressar os sentimentos, as sensações é navegar no incerto / Tristeza? Encanto? Desejo? /Como é possível sabê-lo? /Um gozo incerto e dorido/De carícia a contrapelo.../

Referências

- ANDRADE, Carlos D. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os Pensadores**. Tradução: Antônio da Costa Leal e Lúcia Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp.181-349.
- BAKKER FILHO, João P. de. A velhice institucionalizada. In: **É Permitido Colher Flores? Reflexões sobre o envelhecer**/ João P. de Bakker Filho, organizador –Curitiba: Champagnat, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**: a realidade incômoda. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1976.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória**. Tradução: Daniela Versiane. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. 8ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança de velhos. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**, seguido de, Envelhecer e morrer. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FERRY, Luc. **Aprender a viver**. Filosofia para novos tempos. Tradução: Vera Lucianos Reis. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.
- GIKOVATE, Flávio. Amor em Tempos Longevos. **Café Filosófico**, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9puGTP9QXR0>> acessado em 26 de agosto de 2015.
- JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Cecília Meireles: poesia**. Coleção Nossos Clássicos/ por Darcy Damasceno. 3ª ed. Rio de Janeiro: editora Agir, 1996.

_____ **Cânticos**. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

QUINTANA, Mario. **Melhores Poemas, Mario Quintana**/ Seleção de Fausto Cunha. 17.ed. São Paulo: Global, 2005.

_____ **Mario Quintana**: Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____ **Nova Antologia Poética**. 12.ed. São Paulo: Globo, 2007.

_____ **Nariz de vidro**. São Paulo: Moderna, 2003.

_____ Os 10 melhores poemas de Mario Quintana. In: **Revista Bula**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2329-os-10-melhores-poemas-de-mario-quintana/>> acessado em 10 de julho de 2016

SCORTEGAGNA, Helenice de M. **Vivendo e aprendendo para um envelhecer saudável**. Passo Fundo: UPF, 2001.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice – aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

DATA DE SUBMISSÃO: 27/09/2016

DATA DE ACEITE: 08/11/2016